

A TRANSDISCIPLINARIDADE NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Luís Eduardo Gauterio Fonseca

Resumo: O presente artigo faz uma reflexão sobre o ensino transdisciplinar na educação superior, questionando como tratar um tema tão complexo no meio acadêmico composto por docentes tecnicistas, horistas e, na maioria dos casos, sem uma formação básica na área de educação ou estudos aprofundados sobre a matéria. O trabalho foi realizado por meio de pesquisas bibliográficas e reflexões do autor com base na sua experiência ao longo de quinze anos atuando como docente em instituições de ensino superior. É o resultado de uma inquietação que surgiu durante estudos aprofundados da matéria e ao perceber que enquanto a transdisciplinaridade tem obtido avanços significativos na educação infantil e na educação básica, mas poucos avanços na educação superior. Discute-se o papel da instituição na capacitação dos seus professores, com o objetivo de formar um corpo docente capaz de atuar de forma homogênea e integrada para alcançar seu propósito principal, de oferecer uma educação de qualidade e, como prevê a transdisciplinaridade, uma educação para vida, para compreensão da realidade que nos cerca. É importante destacar que o presente trabalho não é uma crítica a atuação docente na educação superior, nem mesmo as instituições, mas uma reflexão do atual cenário, que está em processo de evolução, mas que ainda tem muito a conquistar.

Palavras-Chave: Transdisciplinaridade. Formação continuada. Prática docente.

Introdução

A transdisciplinaridade é um tema cada vez mais tratado no âmbito educacional, mais na educação infantil e na educação básica do que na educação superior, mas por se tratar de um tema de suma importância para formação do alunado, requer mais atenção e, deve, não só ser discutido, mas colocado em prática, com ações concretas e eficazes, em prol da formação docente e do aprendizado significativo do alunado.

Batalloso e Moraes (2011) descrevem um paradoxo entre tratar do assunto transdisciplinaridade e realmente ser uma escola transdisciplinar, pois o que se observa é o que já aconteceu com outros conceitos, em outras épocas, por exemplo, se falou muito de “escola democrática”, “cidadania”, “em valores”, “de qualidade” etc., que pouco, ou quase nada, contribuíram para mudar substancialmente as práticas educacionais cotidianas.

Ainda, segundo os autores, a transdisciplinaridade continua sendo desconhecida por parte dos professores, e quando utilizada, é de maneira confusa, ambígua e etérea.

É importante destacar que a transdisciplinaridade não pode passar de um conceito, uma fórmula para o sucesso das escolas, nem tão pouco pode ser tratada como um projeto político, de marketing, para captação de novos alunos ou convencer a sociedade de que a escola é moderna, que possui novas metodologias e que pode “resolver o problema de educação”.

Compreendendo a transdisciplinaridade

O termo transdisciplinaridade foi criado por Jean Piaget, que, no I seminário Internacional sobre pluri e interdisciplinaridade, realizado na Universidade de Nice em 1970, onde divulgou pela primeira vez o termo e pediu para que os participantes pensassem no assunto.

Ainda hoje, muitos não têm uma compreensão clara do que é transdisciplinaridade, e frequentemente a confundem com outras metodologias, principalmente com multidisciplinaridade e interdisciplinaridade.

Como o prefixo trans o indica, ela diz respeito ao que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas, e, sobretudo, além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para a qual um dos imperativos é a unidade de conhecimento.

De acordo com Limaverde (2012), os conceitos de multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade são distintos e, por vezes, antagônicos em suas propostas e objetivos metodológicos, porém ainda muito confundidos.

Ainda, segundo a autora, a multidisciplinaridade pressupõe que várias disciplinas podem ser reunidas, porém, essa reunião não implica nem que elas tenham o mesmo objeto de estudo e tampouco que partilhem qualquer tipo de relação sobre esse objeto, ou seja, a interação entre as disciplinas não é relevante, como é feito no ensino tradicional, os currículos possuem várias disciplinas, sem que as mesmas tenham um planejamento conjunto ou conexões entre os temas abordados.

No ensino interdisciplinar, dois ou mais campos do saber se reúnem e para a análise e verificação do mesmo objeto de estudo, ou seja, há um planejamento conjunto com objetivo de propor discussões que levem os alunos a estabelecer relações entre o que estão pesquisando em mais de uma disciplina em relação a um tema em questão. Isso enriquece o conhecimento de uma área sobre a outra, e o resultado é a construção de um saber mais complexo e menos fragmentado, que buscará trazer mais nexos para o estudante, visto que pesquisado e discutido sob diferentes pontos de vista. Um exemplo disso seria pesquisar um país qualquer, sob o ponto de vista do esporte, da geografia e da história. A proposta interdisciplinar faria os professores trocarem informações entre e com os alunos, a partir de pesquisas sobre o mesmo objeto de estudo, mesmo que sob um ponto de vista diferente.

E por fim, segundo a autora, a transdisciplinaridade é um conceito mais amplo. O prefixo trans quer dizer aquilo que está entre, através e além. Um ensino transdisciplinar não se restringe nem à simples reunião das disciplinas nem à possibilidade de haver diálogo entre duas ou mais disciplinas. A transdisciplinaridade faz com que o tema pesquisado passe pelas disciplinas, sem ter como objetivo final o conhecimento específico dessa mesma disciplina ou a preocupação de delimitar o que é o seu objeto de estudo ou o que é de outra área inter-relacionada. A transdisciplinaridade se preocupa com a interação contínua e ininterrupta de todas as disciplinas num momento e lugar.

Se usarmos, por exemplo, as olimpíadas como ponto de partida, a muito que falar das olimpíadas além do que ela realmente é ou do que se trata, é possível falar da geografia e história dos países sede, das conquistas olímpicas brasileiras, dos atletas brasileiros e estrangeiros, os países que já sediaram o evento, as diferenças sociais e econômicas entre o país sede e o próximo país sediará as olimpíadas, enfim, temas que com certeza estão

presentes em várias disciplinas, mas que, sob essa óptica, são mais importantes numa abordagem sistêmica do que tratados de forma fragmentada, isolada, ou seja, ver geografia apenas na disciplina geografia, ver história apenas na disciplina história e assim por diante.

Para Rocha Filho (2007, p. 76), a transdisciplinaridade é

[...] uma abordagem científica que visa à unidade do conhecimento. Desta forma, procura estimular uma nova compreensão da realidade articulando elementos que passam entre, além e através das disciplinas, numa busca de compreensão da complexidade do mundo real. Além disso, do ponto de vista humano, a transdisciplinaridade é uma atitude empática de abertura ao outro e seu conhecimento.

Para Morin (2000), a transdisciplinaridade “corresponde ao olhar que subverte o reducionismo da visão disciplinar frente à complexidade do homem e da realidade social”.

A transdisciplinaridade questiona o excesso de fragmentação do saber e a pouca visão do todo. Se a proposta pedagógica é formar alunos para vida, para o mercado de trabalho, por que não preparamos os mesmos de uma forma mais ampla, compatível com os novos desafios da atualidade.

Segundo Nicolescu (1970), a transdisciplinaridade é uma nova abordagem científica, cultural, espiritual e social, ou seja, é estudar um objeto sob seus diversos pontos de vista, pois seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para a qual um dos imperativos é a unidade de conhecimento.

Instituições de Ensino Superior e a transdisciplinaridade

O tema transdisciplinaridade a cada dia tem se tornado mais comum no meio acadêmico, impulsionado pelas frequentes mudanças globais e a necessidade de preparar cidadãos para enfrentar a realidade, ou seja, uma sociedade cada vez mais diversificada e exigente.

Apesar de a transdisciplinaridade fazer parte dos estudos e das práticas pedagógicas de muitas instituições, ainda há dúvidas quanto sua função e execução, principalmente no ensino superior, pois muitos educadores conhecem superficialmente o tema, por tanto a transdisciplinaridade é bastante obscura e passível de enganos.

De acordo com Limaverde (2012), a prática efetiva de um ensino transdisciplinar, permanece ainda iminente, com poucas exceções de exemplos sólidos e efetivos, institucionalizados.

Ainda, segundo a autora, a transdisciplinaridade na maioria das vezes ocorre de forma intencional nos discursos das instituições de ensino. São raras as instituições que possuem uma real prática educativa transdisciplinar implantada de onde se pode colher frutos maduros.

Os docentes tem dificuldade de enxergar a relação entre os conteúdos, pois foram condicionados as fronteiras do conhecimento na qual as disciplinas lhes foram entregues, desde seus primeiros ensaios de alfabetização, separadas, como se fossem algo independente, sem relação entre si.

De acordo com Batalloso e Moraes (2011), para que uma escola seja considerada transdisciplinar, é preciso uma combinação de vários fatores ou indicadores presentes,

ou seja, não basta a presença de um, dois ou três indicadores na proposta desenvolvida, pois isto não é suficiente no sentido de garantir o seu reconhecimento.

Muitas vezes os docentes culpam as instituições, que seus planos de aula e projetos pedagógicos os mantêm confinados, com foco no conteúdo a ser ministrado, naquele dia, naquele horário, não lhes permitindo “ir além” do conteúdo curricular proposto em seu plano de aula, como se aquele tempo e o conteúdo de sala não pudesse sofrer nenhum tipo de alteração.

O ideal seria que todos docentes soubessem trabalhar de forma transdisciplinar, mas isso não é a realidade na maioria das instituições. É preciso que as IES reestruturem seus projetos pedagógicos, tornando-os transdisciplinares, isso permitiria, no mínimo, que os professores tivessem um instrumento de trabalho transdisciplinar, e na continuidade, trabalhassem na capacitação do seu corpo docente.

É importante que os alunos também tenham conhecimento que os conteúdos estão sendo trabalhados de forma transdisciplinar, é preciso que eles compreendam que fazem parte do processo, que entendam sua finalidade e objetivos no contexto do processo de ensino e aprendizagem, ou seja, saibam por que estão trabalhando com essa metodologia.

Docência transdisciplinar

De acordo com a ARNT (2015), os princípios da docência transdisciplinar entrelaçam-se, sendo cada um necessário e, sozinho, insuficiente para a docência transdisciplinar. Ainda, segundo a autora, cada princípio desdobra-se em gestos que possibilitam sua operacionalização. São eles:

- reconhecer o mundo em que vivemos, permitindo a consciência do significado de fazer parte da sociedade/meio;
- abrir-se para o tempo de ser, buscando a reflexão atenta através da integração das múltiplas dimensões humanas;
- acolher/conhecer o outro – o sujeito de nossa ação docente, consciente de que é impossível conhecer as partes sem conhecer o todo;
- criar um espaço de comunhão para a aprendizagem, consciente de que é impossível conhecer o todo sem conhecer as partes;
- postura dialógica, mantendo a dança constante entre os quatro princípios anteriores, numa perspectiva recursiva e retroalimentadora.

Lampert (1999) identificou três categorias de professores universitários, listados abaixo:

- Professor Profissional - aquele professor que direciona o ensino para a formação profissional, estritamente para o mercado de trabalho. No caso da contabilidade, a ênfase é dada ao tecnicismo.
- Professor Transformador Social - aquele professor que geralmente se dedica exclusivamente à universidade ou faculdade e procura aplicar suas ideias, influenciando assim, politicamente os seus alunos e colegas a utilizar o senso crítico. No caso da contabilidade, atua na graduação e procura desenvolver artigos e trabalhos científicos, enfatizando suas ideias e buscando a transformação social.

- Professor Científico - aquele professor que dá maior ênfase à pesquisa, deixando um pouco de lado o ensino. Atua mais em nível de pós-graduação.

Ainda, segundo o autor, ao analisar a descrição dos tipos de professores universitários, nota-se que a característica predominante é aquela em que o professor que prioriza a transmissão do conhecimento para a formação de profissionais, ensinando como fazer e não dando prioridade a questões relativas ao por que se faz assim. O que se vê, na maioria das faculdades e universidades particulares, são professores duplamente profissionais, que atuam também em empresas, executando na prática aquilo que transmitem para os alunos de uma forma estritamente tecnicista, deixando de lado questões importantes como a reflexão sobre o objetivo da disciplina que muitas vezes é o de dar condições para que o aluno possa formar um senso crítico relacionado ao assunto estudado.

Para Moraes (2010, p), a docência transdisciplinar,

[...] assim como toda boa docência disciplinar, precisa ser dialógica, complexa, sensível, integradora, consciente, inovadora, criativa, multidimensional e, acima de tudo, muito competente, tendo a ética como elemento que perpassa todas as ações desenvolvidas. Apresenta uma natureza ecossistêmica, entendida como característica fundamental para uma melhor compreensão da complexidade das relações, das conexões e das emergências que acontecem nos ambientes de aprendizagem.

Ainda, segundo a autora, a docência transdisciplinar é mais do que uma função ou um conjunto de competências, é em realidade, um processo vivenciado a partir de uma metodologia que implica, entre outros aspectos, amor à profissão às pessoas que estão sendo formadas e devidamente cuidadas, para que sejam profissionais competentes e indivíduos conscientes da importância de seu papel e de sua missão educacional.

Considerações finais

É possível constatar que a transdisciplinaridade apesar de ser considerada por unanimidade dos docentes como um processo fundamental de ensino e aprendizagem, ainda é um grande desafio, visto que muitos docentes da educação superior não tiveram contato o suficiente com o tema para compreendê-lo em toda sua complexidade, e em alguns casos, só foram apresentados formalmente à matéria ao serem convidados a exercer a profissão de docente, nessa situação encontram-se profissionais oriundos de diversas áreas, como: jornalistas, contadores, administradores, advogados e etc.

Os docentes devem estar abertos a outras áreas, compreender que o conhecimento não anda só, não é único e imutável. Quando os conteúdos interagem uns com os outros enriquecem o processo de ensino-aprendizagem.

O docente precisa trabalhar suas atitudes para trabalhar de forma transdisciplinar, não basta saber o que é transdisciplinaridade, precisar querer fazer, estar disposto a mudar.

Cabe à instituição criar mecanismos para que os professores trabalhem a transdisciplinaridade, como cursos, reuniões, problematizações e etc.

Para chegar ao pleno exercício da transdisciplinaridade, é preciso entendê-la num todo, enxergar o conhecimento de forma sistêmica, e não como algo isolado, que caminha numa única linha da matéria.

Diante dos argumentos, entende-se que a transdisciplinaridade, independentemente do nível educacional que ela esteja sendo trabalhada, depende muito mais da postura do docente do que dos incentivos das IES, por tanto, não basta ter um projeto ou plano de aula transdisciplinar, é preciso ser um docente transdisciplinar, pois ser transdisciplinar é um compromisso de quem tem amorosidade pela profissão, é uma questão de postura, de compromisso, e está presente intuitivamente nos professores que amam a profissão.

Referências

ARNT, Rosamaria de Medeiros. **Princípios da docência transdisciplinar**. Disponível em: <<http://www.ecotrans.pro.br/site/attachments/article/112/Principios%20de%20doce%20transdisciplinar.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

BATALLOSO, Juan Miguel. **Dimensões da psicopedagogia hoje: uma visão transdisciplinar**. Brasília: Líber Livro, 2011.

_____. MORAES, Maria Cândida. **Por uma escola transdisciplinar: em busca de indicadores**. Brasília: Líber Livro, 2011.

KRAUSZ, Mônica. Onde as disciplinas se encontram. **Revista Educação**. Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/132/artigo234363-1.asp>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

LAMPERT, Ernani, **Universidade, docência, globalização**. Porto Alegre: Sulina, 1999.

LIMAVERDE, Patricia. **Parâmetros para Práticas Educativas Transdisciplinares 1**. 20 ago. 2012. Disponível em: <<https://transdisciplinaridade.wordpress.com/category/textos-rapidos/>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

MORAES, Maria Cândida. Complexidade e currículo. **Revista Polis**, abril/(2010) nº 25, Universidad Bolivariana, Santiago/Chile, Disponível em: <<http://www.revistapolis.cl/polis%20final/25/art09.htm>> Acessado em 09/08/2010. Acesso em: 24 abr. 2016.

_____. **Ecologia dos saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação**. São Paulo: Willis Harman House/Antakarana, 2008.

_____. **Formação docente e transdisciplinaridade**. 2010. Disponível em: <<http://www.increa.uneb.br/anais/increa2/moraes.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2016.

_____. BATALLOSO, Juan Miguel (org.). **Complexidade e Transdisciplinaridade em Educação: teoria e prática docente**. Rio de Janeiro: Editora WAK, 2010.

_____. VALENTE, J. A. **Como pesquisar em educação a partir da complexidade e da transdisciplinaridade?** São Paulo: Editora Paulus, 2008.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Editora Sulina, Porto Alegre, 2007.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez. Brasília, DF: UNESCO, 2000.

_____. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

NICOLESCU, B. **Educação e transdisciplinaridade II**. Brasília: UNESCO, 2002.

_____. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 2001.

ROCHA FILHO, J. B. **Transdisciplinaridade**: a natureza íntima da educação científica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

SOMMERMAN, Américo. Complexidade e transdisciplinaridade. **NUPEAT-IESA-UFG**, v.1, n.1, jan./jun., 2011, p.77-89, Artigo 7. Disponível em: <<http://revistas.ufg.emnuvens.com.br/teri/article/view/14390/15316>> Acesso em: 26 abr. 2016.